

UM HOMEM BOM

Ele era um homem tranquilo. Dedicado. Participativo. Quando as enchentes arrasaram o bairro de Baixo, ele foi o primeiro a socorrer os necessitados. Organizou a distribuição da comida. Contabilizou os cobertores. Confortou cada parente das vítimas, chamando-os pelo nome.

Fazia parte da comunidade escolar. Contribuía com todas as causas sociais. Aprendera a tricotar somente para costurar casacos para os idosos do Lar Acalanto. Recolhia dinheiro entre os vizinhos para a casa que abrigava cães abandonados.

Era um homem bom.

Não era tolo, no entanto. Discordava quando tinha motivos para isso. Defendia sua posição.

Mas era sensato.

Calmo.

Conciliador.

Ocupava uma vaga na assembleia da cidade havia quase duas décadas. Tentara sair várias vezes, mas seus amigos e admiradores não o deixavam. Ele precisava prosseguir. A administração precisava dos seus conselhos. Da sua experiência.

Ele sorria, com aquele jeito amável, e permanecia.

Falava.

Ouvia.

Apontava caminhos.

Reconhecia quando se equivocava.

Agradecia os afagos.

Era tranquilo.

Um homem bom.

Ele se sentira mal na semana passada. A idade já lhe tolhia alguns movimentos. Não temia a morte. Provavelmente a abraçaria como uma companheira que há muito não via, quando chegasse a sua hora.

Mas não ansiava por ela.

Procurou o seu médico.

Ficou chateado quando descobriu que ele partira. O doutor já estava velho e se aposentara. Um novo médico estava a caminho.

Por coincidência, o novo clínico alugara a casa contígua à sua. Talvez o conhecesse no fim de semana.

Ele agradeceu a atenção da secretária e saiu, cantarolando baixinho.

O domingo chegou. Uma nuvem escura balançava diante do sol, brincando de esconde-esconde com o astro-rei.

Ele saiu para cuidar do jardim. O caminhão de mudanças estacionou pouco depois. Homens fortes, de sotaques ásperos, carregaram móveis e utensílios. Perto do meio-dia, um carro novinho em folha chegou.

Era o médico.

Ele sorriu para a sua nova casa e cumprimentou os trabalhadores.

Então, notou o homem ajoelhado junto às petúnias. Aproximou-se antes de se apresentar.

O homem bom forçou um sorriso, mas mal ouviu o nome que lhe fora dito. Depois de se desculpar pela sujeira, fez um comentário qualquer sobre o tempo e se refugiou dentro de casa.

No aconchego do lar, soltou a respiração e balançou a cabeça. Já estava muito velho para isso, pensou por um momento, notando os vincos encovados na pele rachada.

Mas não havia outro jeito.

Fechando as cortinas, ele puxou a chave dourada que trazia sempre consigo. Depois de afastar o móvel da velha televisão com dificuldade, abriu a porta oculta.

Lá dentro, somente o velho livro do avô ocupava o pequeno nicho.

Ele levou o volume para cima e folheou as páginas, sem curiosidade. Conhecia o seu conteúdo de cor. Sabia o que procurava. Depois de achar a página, deitou o livro aberto sobre a cama e esperou a noite chegar, em completo jejum.

A madrugada encontrou o homem preso ao encantamento que fluiu rápido dos seus lábios. Apesar da voz fraca, sua convicção era forte. Não podia falhar agora. Defendera a sua cidade por muito tempo. Não podia permitir que o trabalho de toda uma vida fosse em vão.

Mamon escapuliu das letras escritas em sangue. Mais vento do que carne, o demônio devorador de almas cruzou o átrio do homem e avançou pela escuridão, cumprindo os desígnios do seu mestre.

Muito mais tarde, o homem bom acordaria com o ruído das sirenes.

Exausto, fechou o volume e esfregou os olhos, machucados pelos primeiros raios de sol que invadiam a sua janela.

Calmamente, desceu até o primeiro andar e trancafiou o livro em seu lugar de costume.

Uma onda nostálgica o atingiu. Quando fora a última vez que fechara aquela porta? Fazia uns dois ou três anos... Fora aquele casal cigano, não foi? Ou era indiano?

Não sabia.

Não se importava.

Eles não faziam parte da cidade.

Não pertenciam ao povo escolhido.

Assim como o novo médico, pensou, aquecendo o chá enquanto observava o movimento lá fora.

Os paramédicos retiravam o corpo inerte em uma maca.

A mão negra balançou levemente para fora do lençol enquanto as rodas quicavam no caminho de pedras do jardim bem cuidado.

Dentro da sua casa, ele suspirou fundo e foi consultar a sua agenda.

Hoje era dia de visitar a creche.

Precisava se arrumar. Os pirralhinhos adoravam a sua imitação do Palhaço Maneta.

Ele sorriu.

Estava tranquilo.

Era um homem bom.

